

O EU E O MEU EM: AS CABEÇAS TROCADAS E O SRIMAD BAGHAVAD GITA*

Maria Ivonete S. Silva**

Resumo: O estudo comparado das obras *As Cabeças trocadas* e *Srimad Baghavad Gita* apresenta como fundamento básico, uma profunda relação entre Filosofia, Religião e Literatura.

Abstract: Une étude comparative des oeuvres Les Têtes Interverties et Srimad Baghavad Gita, présent comme principe une étroite liaison entre la Philosophie, la Religion et la Littérature.

A intertextualidade, enquanto elemento imprescindível das produções moderna e contemporânea, acaba produzindo, como resultado, importantes diálogos entre povos, entre civilizações, entre culturas e, sobretudo, entre as infinitas formas do homem representar artisticamente a realidade. Na observação desses diálogos, detectamos o **moderno**, servindo de fio-condutor a procedimentos que, devido à complexidade de seus diferentes níveis de elaboração, asseguram, através dos tempos, o que hoje concebemos como **modernidade**. Vejamos no estudo abaixo, em que medida os diálogos entre o antigo e o moderno atualizam questionamentos acerca da natureza humana e do próprio universo.

Os vários enfoques que se aplicam à leitura de *As Cabeças Trocadas*, romance escrito por Thomas Mann, em 44, e que remonta uma das mais antigas lendas indianas - a lenda de Sita, "a despertada para o amor" -, apontam ainda como possibilidade de análise e interpretação, uma questão filosófica de âmbito transcendental: a busca de realização do **Ser** através do **Outro**. Essa busca que, num sentido mais amplo, tem resultado num conflito de ordem existencial, aparece no texto de Mann sob a ótica do amor, misto de espiritualidade e prazer. Ao final da narrativa, o leitor, entre estarecido pela sucessão de tragédias,

* Todas as notas serão colocadas no final deste ensaio em forma de anexo, visando maior esclarecimento da terminologia, em sânscrito, utilizada nos dois textos analisados.

** Mestre e Doutoranda em Teoria da Literatura. Professora do Departamento de Ciências da Linguagem da Universidade Federal de Uberlândia.

que se abatem sobre Shridaman, Sita e Nanda, e intrigado com o limite das interdições impostas aos que buscam a felicidade, resolve também buscar o verdadeiro significado do texto.

Sabe-se que as lendas antigas tinham por finalidade o ensinamento de algum preceito acerca do homem e de sua relação com o universo. Daí quase todas elas serem extremamente didáticas no que diz respeito à abordagem dos temas que pretendiam ressaltar. Em **As Cabeças Trocadas**, o aspecto didático da lenda de Sita, extraída do **Kama Sutra**¹, apenas para servir de lastro à narrativa, cede lugar às questões que, tanto na Índia como em qualquer outro lugar do mundo, repercutem à nível dos indivíduos em seus diferentes estados emocionais.

A questão do amor e do desejo de realização através do Outro se choca com princípios espirituais e envolve os personagens em situações que atestam algum tipo de desequilíbrio em relação à lógica formal. Logo no início do texto o narrador adverte:

"A história de Sita, a das belas cadeiras, filha do criador de gado Sumantra, da casta dos guerreiros e de seus dois maridos - se assim podemos qualificá-los -, exige, por sua natureza sangrenta e perturbadora, muito da força espiritual do auditório e de sua capacidade de enfrentar as assustadoras trampolinadas da maya". (1988:05)

Mais adiante, ao descrever a amizade de Shridaman e Nanda, ele dá indícios da causa de todo sofrimento por que passam os dois amigos e também a "das belas cadeiras", Sita. Diz ele:

"A amizade dos dois jovens baseava-se nas diferenças de seus sentimentos relativos ao eu e ao meu. Os de um ansiavam pelos do outro. Pois a encarnação cria a individualização; a individualização causa a diversidade; a diversidade provoca a comparação; da comparação nasce a inquietude; a inquietude origina o assombro; do assombro provém a admiração; e este, finalmente, produz o desejo de troca e união. Etad vai tad, isto é aquilo". (1988:06)

O preceito do eu e do meu é, na verdade, a chave de todo mistério. Nele está implícita uma compreensão mais ampla da unidade, como mostra o **Srimad Baghavat Gita**², texto cuja composição varia entre os séculos III e IX a.C., é também considerado pelos estudiosos como a epopéia da humanidade.

Apesar de inseparáveis, Shridaman e Nanda eram seres diversos; viviam a comparação e o desasossego provenientes do sentimento do eu e do meu "sem detrimento do desejo maya, que tem neles sua origem" (1988:10).

Da primeira à última página do texto, a palavra maya³ soa forte. A íntima relação entre seu significado/conceito e a questão do eu e do meu induz o leitor a uma reflexão profunda e dialética sobre o Ser e sua relativa posição no cosmo.

Traduzida por algumas escolas espiritualistas como "ilusão", a palavra maya, de origem sânscrita, ressuscita um passado milenar, onde a sabedoria era a porta de acesso ao paraíso; era a conquista máxima do homem que almejava a transcender os pares de opostos: o prazer e a dor, a alegria e a tristeza, o quente e o frio. O homem almejava a ser sábio e ser sábio era atuar no processo do mundo aceitando toda a sua dinâmica e mutabilidade, porém, tendo como meta o Ser, no seu aspecto imutável e imperecedouro - "Avyakta"⁴.

Para auxiliar o homem nesse caminho, era necessário um conhecimento igualmente imutável e imperecedouro⁵. Sábios, místicos e filósofos de várias religiões, ao longo de milhares e milhares de anos, dedicaram-se a contemplação e análise das forças sutis da natureza, de sua relação com os diferentes estágios evolutivos da humanidade e chegaram a seguinte conclusão: a falta de coordenação do equilíbrio interno e externo no homem, era uma decorrência da sua perda de discernimento. Este, por sua vez, era apenas a consequência de uma visão parcial das coisas, ou em outras palavras, de uma visão onde a multiplicidade brâhmica manifestada, era concebida como coisas separadas. Tudo isto é ilusão; tudo isto é maya; tudo isto afasta o homem da Verdade Suprema, por isto deve ser evitado, controlado ou sublimado, como acontece com Shridaman, Sita e Nanda.

Quase ao final da narrativa, Shridaman discute com Nanda o retorno de suas essências ao Todo Universal, como forma de apagar os erros cometidos em nome da paixão. Diz ele: "*Ora, quando o indivíduo se enreda num conflito*

igual ao nosso, melhor é fundi-lo na chama da vida como oferenda de manteiga do sacrifício" (1988:140). Sita que também participava da conversa, acrescentou: *"Assim como partilhei com ambos o leito da vida, assim o leito ardente da morte deverá unir-nos. Pois, no fundo, já éramos três naquele também"* (1988:141). Shridaman apresenta argumentos contrários aos de Sita dizendo:

"De antemão inclui nas minhas previsões o orgulho e a magnanimidade que em ti coabitam com a fraqueza da carne. Em nome de nosso filho, agradeço-te o teu propósito. Porém, para restaurarmos verdadeiramente a nossa honra e a nossa dignidade humana, prejudicados pela carne, devemos ponderar maduramente como recuperá-las, e neste ponto minha opinião e os planos que esbocei durante a viagem divergem dos vossos." (1988:142)

Shridaman expõe seus planos e, com isso, a idéia de sublimação do conflito entre ele, Sita e Nanda é comprovada, na medida em que há o reconhecimento do aspecto Ahamkara⁶, ou do eu-indivíduo, que antes predominava sobre os três amantes. É Shridaman quem comenta: "... é necessário que Nanda e eu nos matemos para fazer-te viúva. Quero dizer, devemos matar um e outro. No caso, pensando bem, um e outro⁷ são uma e mesma coisa" (1988:142).

Muito mais que Sita e Nanda, Shridaman demonstra uma inteligência superior. Suas ações estão sempre submetidas ao cumprimento de um dever que transcende às limitações de tempo, espaço e, até mesmo, às limitações do corpo. Compreender essa lógica implica, antes de mais nada, em um mergulho profundo em busca da Consciência Superior ou Atma⁸, e não apenas no estudo das civilizações que nos antecederam.

Os Shastras⁹, tais como os Upanishads, o Ramayana, o Mahabhárata e tantos outros não menos sagrados que estes, desenvolvem verdadeiros tratados acerca de procedimentos do homem que aspira à vitória sobre maya. No Srimad Baghavad Gita, que se constitui em apenas um dos quatro capítulos do Bhisma - Parva¹⁰, esse assunto é tratado com bastante propriedade. Entremeando os diálogos de Sri Krishna e Arjuna, personagens protagonistas de uma história universal, pontificam conceitos filosóficos que orientam o homem na apreensão correta do método que o conduzirá à Suprema Realização.

Cifrada e hermeticamente elaborada para os que buscam a Verdade, a linguagem do Gita não chega a ser inacessível ao leitor comum. Deste exige-se apenas um tempo maior para que ele possa descerrar os véus que encobrem o verdadeiro significado de determinadas palavras-chave do texto. Revelado o mistério, revela-se também um universo mágico, plurissignificativo e transcendente, cuja correspondência imediata é a própria vida ou a arte que reinventa a vida a partir de suas contradições. Vejamos de que maneira essa correspondência ocorre em *As Cabeças Trocadas*.

AS CABEÇAS TROCADAS E O SRIMAD BAGHAVAD GITA

O que primeiro sobressai a nível de um estudo comparativo entre *As Cabeças Trocadas* e o *Srimad Baghavad Gita* é a classificação dessas obras. A primeira, uma narrativa erótica; a segunda, um texto sagrado, cuja estrutura poética prima pela perfeição da rima, da métrica - EUFONIA¹¹ - e, sobretudo, pela temática de elevação espiritual. O primeiro texto, de origem lendária, resulta em um romance, ou seja, em um gênero literário amplo, flexível e, indiscutivelmente, inacabado; o segundo, de origem histórica, resulta em uma epopéia, com todas as características que lhe impõe a tradição de uma civilização voltada para o aprimoramento do homem, através da incessante busca do equilíbrio entre matéria e espírito ou *Mente Superior*¹².

Em *As Cabeças Trocadas* tem-se uma história marcada pelo conflito de sentimentos relativos ao mundo e à Divindade. Convivendo com os sentimentos dos personagens, tem-se ainda uma infinidade de índices remissivos à cosmogonia, à história da Índia milenar, esotérica, repleta de signos e símbolos que atestam a complexidade da natureza humana em constante evolução. Os três personagens que, num nível simbólico, incorporam os diferentes aspectos da manifestação de Brahm¹³, atuam de acordo com as condições que lhes foram previamente estabelecidas. Assim é que, Shridaman, sendo de origem Brâmane, desde o físico ao espiritual, carrega consigo os atributos de sua natureza interna, da sua matéria - Prakriti¹⁴ -, e de sua casta¹⁵. Mesmo como negociante, ele manifesta em seus atos diários os resultados de uma aprendizagem sólida. É o narrador quem conta:

“Desse modo, o filho que ele gerara para que cumprisse os deveres funerários tornara-se igualmente vanidja ou

negociante, na aldeia do Bem-Estar das Vacas, e o filho de Bhavabhuti. Shridaman, também seguiu o exemplo do pai, não sem ter consagrado alguns anos de sua infância ao estudo da gramática, da astrologia, da anatomia e dos elementos fundamentais da ontologia, sob a orientação de um guru e mestre espiritual" (1988:08).

Sobre Nanda, assim o narrador se pronuncia:

"Não assim Nanda, filho de Garga. Seu carma era diferente, e nunca, nem por tradição nem por atavismo sentira vocação de lidar com coisas do espírito." (1988:08)

Sita é o elemento deflagrador do conflito insolucionável. É a partir do seu envolvimento com os dois amigos, ou com os "dois maridos" que a narrativa adquire um nível de complexidade diferente de outros textos literários que também exploram a vertente do triângulo amoroso. As questões referentes à vulnerabilidade da alma humana são descritas e analisadas pelo narrador e pelos personagens, sob uma ótica de difícil assimilação para o leitor ocidental. Princípios éticos, morais e, sobretudo espirituais, impõem como lógica determinante, uma conduta pautada na retidão.

Atuando sobre a matéria ou Prakriti, maya induz o envolvimento de Shridaman com Sita; Sita com Nanda e, depois, de modo bem mais confuso, o envolvimento dos três. Privilegiada pelos deuses, a bela Sita inspira em Shridaman o sentimento, ou a necessidade de completude que, seguindo a tradição, estaria na realização do matrimônio. Sita, mesmo reconhecendo a importância do matrimônio, tem na realização do desejo sexual um ideal de felicidade que acaba impulsionando suas ações. Nanda, como afirma o próprio narrador, tinha pouca habilidade mental e, apesar de alguma resistência, toma-se presa fácil dos jogos de sedução arquitetados por Sita. Daí resulta a violação do matrimônio, considerado pela Mãe Divina como "inviolável". Como consequência, instaura-se a desordem.

A solução reparadora para os erros cometidos é o suicídio que, ao invés de morte, para Shridaman, Sita e Nanda significa vida; uma nova vida, eterna e livre das trigônicas¹⁶ influências da matéria ou Prakriti, pelo menos no seu aspecto mais denso.

Após mil peripécias, os três compreendem que, acima do prazer sexual ou da satisfação de desejos realizáveis no plano físico, está o Espírito, ou essência da própria vida, o Átma. Essa compreensão é que vai dar a exata dimensão do *Etad vai tad*, isto é aquilo.

O **Srimad Baghavad Gita** que, em primeira e última instâncias demonstra como a suprema finalidade humana, ou seja, a etema aproximação a Brahm, o Absoluto, se dá através dos diferentes níveis de compreensão do processo de interação entre espírito e matéria, traz inúmeras passagens que justificam a necessidade do homem compreender e vivenciar o conceito da Unidade - *Báhavana*¹⁷.

Logo no primeiro capítulo, isto é, na **GÊNESIS DO BAGHAVAD GITA**, é dada a conhecer a manifestação de Brahm, no seu aspecto múltiplo. Aqui tem início a batalha do *Mahabárata*¹⁸ e os conflitos de Arjuna, general dos Pândavas, que tem de se decidir entre a emoção e a razão; entre o apego do amor familiar e um dever que tem que ser por ele cumprido.

Sri Krishna, o Bem aventurado Senhor e Instrutor Espiritual de Arjuna, aconselha para que ele faça a rendição a Durga, a Divina Mãe. Arjuna obedece, mas as dúvidas continuam. O versículo abaixo exemplifica o verdadeiro ato de rendição, no qual o discípulo reconhece sua ignorância, expõe o seu conturbado estado mental e, sem reservas, entrega-se à Divindade pedindo ajuda:

vers. 53. "Meu entendimento se desvia pelo corruptor apego pessoal ao fruto da ação, ignorando o Supremo Dharma que aspiro a conhecer por Ti; instruí-me nessa ciência que tem sido divinamente revelada. Eu sou Teu discípulo, salva-me, Ó Senhor! Rendendo-me Te suplico!" (1978:38).

Os capítulos segundo, terceiro e quarto, referem-se ao modo de atuação da Divindade ou Baghavad Dharma¹⁹. Estes capítulos fazem uma espécie de resumo do *Gita*. Os demais vão abordar detalhadamente temas da maior importância para o conhecimento e, conseqüentemente, para a evolução do homem. Ele - o conhecimento - é quem revela a "ilusão" da separatividade, tema responsável pela grandeza de toda trama que se articula nas 145 páginas de *As Cabeças Trocadas*.

A matéria ou Prakriti, em seus diferentes estados, impõe limitações. Tanto é assim que Arjuna, no vers. 01 do sexto capítulo, pede a Sri Krishna a explicação para “as distintas e variadas formas de atuar” no processo do mundo. Diz ele:

vers. 1 “Ó Varshneya²⁰, o que impulsiona, incontinentemente, o aspirante a pecar e também o induz a fazer atos meritórios, mesmo não desejando-os?” (1978:54).

Sri Krishna fala de cinco causas²¹ e expõe nos 24 versículos restantes, o conhecimento acerca das gunas, ou forças que impulsionam a matéria.

Em As Cabeças Trocadas, os personagens também vivem a confusão promovida pela ignorância de como as gunas podem atuar, obscurecendo a visão real das coisas. Sita é o melhor exemplo. Mesmo antes de qualquer contato físico com Nanda, já pressentia o trágico desfecho de um envolvimento com aquele que era o melhor amigo do seu esposo. Desesperada, recorre à Mãe Divina e confessa o motivo de todos os seus sofrimentos. Referindo-se a Nanda, diz ela:

“Sempre que seu braço roçava o meu, arrepiavam-se os pelos de meus poros. Cada vez que pensava nas suas magníficas pernas peludas e observava como ele se movia e andava, imaginava como elas me apertariam no jogo do amor. Então me sentia acometida de vertigens e os meus seios gotejavam de ternura” (1988:81).

Mais adiante acrescenta:

“ - Por isso acontecia que, quando Shridaman, de noite, aproximava-se de mim, eu empalidecia devido à mágoa que me causava o fato de ser ele o homem e não o outro, e fechava os olhos, para poder pensar que quem me abraçava fosse Nanda. Mas, às vezes, não podia evitar de murmurar, em pleno gozo, o nome daquele que, segundo meus desejos, deveria provocá-lo. Assim percebia Shridaman que em seus suaves braços eu o enganava” (1988:81).

Até então, Sita, experimentando a culpa pelos seus sentimentos em relação a Nanda, não consegue perceber a Causa de tudo. No vers. 23 do sexto capítulo do Gita, Sri Krishna instruindo Arjuna acerca do funcionamento das gunas, diz:

vers. 23. "Ó Bhárata, nem todos os seres Me conhecem como a Causa de Tudo, porquanto o seu funcionamento objetivo e o subjetivo estão obscurecidos pela dualidade do agradável e do desagradável, Ó Parantapa!" (1978:58).

Enquanto não ocorre o reconhecimento do Princípio de Vida²², Shridaman, Sita e Nanda sofrem as conseqüências da dualidade e da busca de uma felicidade transitória, irreal. No vers. 08 e 09 do vigésimo capítulo do Gita, o Bemaventurado Senhor fala sobre esse assunto.

vers. 08. "Assim como o etérico céu infinito não é limitado em virtude de sua sutileza, assim o Princípio de Vida, não é afetado em nenhuma condição ainda quando funciona no corpo ou processo do mundo". (1978:130).

vers. 09. "Aquele que assim reconhece o Princípio de Vida e a Matéria com suas qualidades, ainda quando estiver atuando diversamente, não cairá sujeito à escravidão imposta pela Matéria" (1989:131).

Sobre a verdadeira felicidade, diz Sri Krishna, no vers. 04 do décimo oitavo capítulo:

vers. 04. "Ó, o primeiro entre os Bháratas! Escuta agora de Mim, qual é a tríplice natureza da felicidade: a verdadeira felicidade é aquela em que o aspirante se regozija na prática, e assim põe fim a todo sofrimento". (1978:119)

Analisando este versículo, podemos compreender que a "prática" é, na verdade, as ações diárias executadas com o discernimento necessário à percepção da Ordem Superior que conduz à visão da Unidade. Os empecilhos a essa percepção são os sentidos - Gnanendryas²³. Porém, no Gita, no vers. 25 do quinto capítulo, Sri Krishna fala de níveis de consciência mais elevados.

Diz Ele:

vers. 25. "Os Shastras sustentam que os sentidos são sutis, mais sutil que eles é a mente, mais sutil que a mente é o intelecto, e mais sutil que o intelecto é o Atma" (1978:53).

Quando conseguem atingir o estado de consciência em que a realidade se apresenta como ela realmente é, ou seja, transcendente e unicamente voltada para o cumprimento da vontade de Brahm²⁴, Shridaman, Sita e Nanda em **As Cabeças Trocadas** e Arjuna, no **Srimad Baghavad Gita**, põem fim a toda dúvida, a todo sofrimento. Eles compreendem o sentido da Unidade e, assim, alcançam a Felicidade.

Em **As Cabeças Trocadas**, Shridaman diz "... devemos nos matar um e outro. No caso, pensando bem, um e outro são uma e mesma coisa". Etad vai tad, isto é aquilo. No **Gita**, no vers. 48 do vigésimo sexto capítulo, Arjuna conclui:

Vers. 48. "Minha ignorância tem sido dissipada e a minha memória recobrada através da tua graça, ó Tu, Imaculado!; permaneço diante de Ti, livre de toda dúvida; eu executarei todas as Tuas ordens" (1978:168).

A separatividade não existe, ela é apenas fruto da ignorância do homem, de si mesmo e de Brahm. Apesar de procedimentos narrativos diversos, este é o grande enigma com o qual o leitor de **As Cabeças Trocadas** e do **Srimad Bahavad Gita** se defronta. Desvendá-lo ou não?

BIBLIOGRAFIA

1. ELIADE, Mircea. *El Yoga - Inmortalidad e Libertad*. México, D.F., Fondo de Cultura Económica, 1991.
2. MANN, Thomas. *As Cabeças trocadas*. Trad. Hebert Caro. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988.
3. PANKOW, Gisela. *O homem e seu espaço vivido*. Trad. Flávia Cristina de Souza Nascimento. Campinas, Papirus, 1988.

4. PAZ, Octávio. *O mono gramático*. Trad. Leonora de Barros e José Simão. Rio de Janeiro, Guanabara, S.A., 1988.
5. SRIMAD BAGHAVAD GITA. Versão Castelhana publicada pelo Suddha Dharma Mandalam. Seção Chilena. Santiago-Chile, 1978.
6. THE DANCE OF SHIVA: 14 Indian Essays. New York, Sunwise Tum, Inc. 1924.
7. YOGA BRAHMA VIDYA SANHITA - Glossário de termos sânscritos elaborado por José Rubens Truci Jr., Aracaju, Suddha Dharma Mandalam, 1987-1990.

ANEXO

As palavras em sânscrito, em sua grande maioria, além do significado, exigem a compreensão do conceito que lhes deu origem. Segue abaixo uma relação de palavras sânscritas que aparecem nos textos **As Cabeças Trocadas** e/ou **Srimad Baghavad Gita**, que têm relação com o assunto proposto.

1) **KAMA SUTRA** - Manual sânscrito sobre a arte do amor, composto por Vatsyayana, em aforismos (Sutras), entre os séculos III e V D.C.. É o mais conhecido tratado indiano sobre hedonismo. Considera o prazer sensual a finalidade suprema da vida, dando regras para se extrair o máximo possível do prazer sexual. Apesar do Kama Sutra ser amplamente reconhecido como um tratado de hedonismo, alguns autores observam que seu objetivo primário, é ensinar um modo de vida essencial para a preservação e melhoramento da raça. Isto é, trata da antiga ciência da eugenesia, ciência que estuda o cruzamento de raças para a procriação de descendentes mais fortes, sadios e belos. O incidente das cabeças trocadas nos faz lembrar prontamente uma experiência eugenética. Não é descartável a possibilidade que Thomas Mann tenha se inspirado na teoria eugenética do Kama Sutra para escrever "As Cabeças Trocadas".

2) **BHAGHAVAD GITA** - Literalmente, "A Canção do Senhor". O mais popular texto religioso da Índia, composto em versos sânscritos relativamente arcaicos. Faz parte do sexto livro (Bishma Parva) do Mahabhárata, o maior épico da Índia. É um diálogo entre o príncipe Arjuna e o Supremo Ser sob a forma de Sri

Krishna. Este estudo utiliza a versão do Gita da Suddha Dharma Mandalam, que é substancialmente diferente da versão corrente na Índia.

3) **MAYA** - Causa da multiplicidade. Maya deriva da raiz MA que significa "medir". Aquilo que faz a experiência ou percepção mensurável, isto é, limitada, é Maya. Primariamente Maya causa a separação do "Eu" e do "Isto", conseqüentemente a percepção da multiplicidade das coisas. É comumente traduzida como "ilusão" em virtude da popularidade da escola filosófica Vedanta. As escolas Tantrica e da Suddha Dharma Mandalam preferem outra tradução: o poder de transformação da unidade em multiplicidade.

4) **AVYAKTA** - Matéria imanifestada. Termo muito empregado pelo sistema de filosofia Samkhya, para diferenciar da Matéria Manifestada (Vyakta). O Bhagavad Gita e os Upanishads empregam também amplamente o termo. Neste plano a matéria é imutável e eterna, transcendendo o plano do processo evolutivo e mutável.

5) **CONHECIMENTO IMUTÁVEL E IMPERECEDOURO** - É o conhecimento superior. Os Vedantinos o designam "Gnana", os Budistas "Pragna", os Yogues "Samadhi".

6) **AHAMKARA** - Literalmente "Eu sou a Causa". É a consciência do eu individual no homem e nos seres em geral, a autoconsciência. É o sentimento que nos capacita sentir como um ser individual separado dos demais seres e coisas. É a raiz do egoísmo, orgulho e amor próprio. Metafisicamente, é um dos 24 Tattwas (princípios) que formam o universo material.

7) **UM E OUTRO** - O grifo é nosso. Explica a idéia de sublimação e a compreensão do ETAD VAI TAT, Isto é Aquilo.

8) **ÁTMA** - É o Absoluto em seu aspecto consciência, espírito. É o nosso verdadeiro Eu eterno e imutável. O conhecimento do Atma é o conhecimento superior (Atma Gnana).

9) **SHASTRAS** - Escrituras sagradas da Índia escritas em sânscrito. Ex: Os Vedas, o Ramayana, o Mahabharata, o Bhagavad Gita, os Upanishads e outros. O Bhagavad Gita é considerado um Yoga Shastra, isto é, Escritura sobre Yoga.

10) **BISHMA PARVA** - É o sexto livro (Parva) do Mahabharata, que contém ao todo 18 Parvas (livros). Nele está contido o Bhagavad Gita. Recebe este nome pelo fato de que neste livro o grande herói Bishma cai ferido no meio do campo de batalha, por uma flecha atirada por Sikhandi. Todos param de lutar para homenageá-lo.

11) **EUFONIA** - A arte da harmonização dos sons na junção dos fonemas. Isto no sânscrito é estabelecido através de regras eufônicas (regras de Sandhi). As línguas clássicas davam muito valor a eufonia. O grego antigo também possuía regras eufônicas. As línguas modernas desprezaram a eufonia, resultando na total perda da estética eufônica e musicalidade da língua. Por isso, hoje não encontramos mais tratados sobre eufonia nas línguas modernas.

12) **MENTE SUPERIOR** - O mesmo que inteligência divina.

13) **BRAHM** - O Supremo Absoluto. A raiz de tudo. Nada existe além de Brahm. O conhecimento de Brahm é a meta final das escrituras hindus (Shastras).

14) **PRAKRITI** - Matéria. Quando imanifestada é designada Avyakta, quando manifestada Vyakta. Da Prakriti emanam os 23 Tattwas (princípios materiais) que compõem o universo: Mahat (Intelecto), Ahankara (autoconsciência), os cinco Tanmatras (som, forma, tato, gosto e olfato), Manas (mente emocional), os cinco Gnanendriyas (olhos, ouvidos, nariz, língua e pele), os cinco Karmendriyas (mãos, pernas, boca, órgãos genitais e órgão de excreção), e os cinco Mahabhutas (éter, ar, luz, água e terra).

15) **CASTA** - A sociedade hindu está dividida em quatro classes hereditárias (castas): Brahmane, Kshatriya, Vaishya e Sudra, ou seja: Sacerdotes, Guerreiros, Mercadores e Agricultores, Servos e homens de ocupação vil. Os Brahmanes são considerados a casta superior, os Kshatriyas foram quase extintos na guerra do Mahabharata, os Sudras não têm o direito de ler os livros sagrados (Vedas) e práticas e ritos, são chamados também de "Intocáveis". O sistema de divisão de castas foi introduzido na Índia pelos Arianos, povos que trouxeram a cultura Védica. A Assembléia Constituinte Indiana de janeiro de 1948 aboliu o sistema de casta. Atualmente este sistema está em franca decadência na Índia.

16) **TRIGUNAS** - As três qualidades de Prakriti (Matéria), que são: Sattwa

(equilíbrio, ritmo, inteligência); Rajas (atividade, paixão, ação impulsiva); Tamas (inércia, ignorância, negligência). Todos os seres estão sujeitos as influências das trígumas. O Bhagavad Gita ensina como transcender o cativo das Trígumas para se alcançar a liberação (Moksha).

17) **BHAVANA** - Conceito da unidade. Uma etapa da prática meditativa em que o discípulo procura compreender a unidade subjacente em toda a multiplicidade da criação.

18) **MAHABHARATA** - O maior poema épico da Índia e do mundo, composto por K.D. Vyasa, em cem mil versos (dísticos) sânscritos, que equivalem a oito vezes a Iliada e Odisséia juntas. Literalmente significa "Grande Bharata", Bharata é o nome da família real que dominava o norte da Índia na ocasião, que fragmentou-se em duas facções rivais para disputarem a herança do trono, os Pândavas e os Kauravas. Esta rivalidade levou à Grande Batalha que resultou na vitória dos Pândavas.

19) **BHAGAVAD DHARMA** - Literalmente "Lei do Senhor". É a lei que rege o funcionamento da divindade em reação a evolução humana. Dentre outras funções, ocupa-se no envio de Avatares (encarnações divinas) ao mundo para auxiliar o progresso espiritual dos seres humanos.

20) **VARSHNEYA** - Um epíteto de Sri Krishna usado no Bhagavad Gita. Significa um descendente dos Vrishnis, uma raça à qual Sri Krishna pertencia.

21) **AS CINCO CAUSAS** - 1) O corpo como causa; 2) O aspirante como executor; 3) Os meios e instrumentos (indicados nos Shastras); 4) As distintas e variadas formas de atuar, e 5) O Princípio de Vida (Atma).